

Viver para a literatura

Fabricio Vieira
Mestrando – Programa de Pós-
Graduação em Literatura e Crítica
Literária - PUCSP

Em quase 30 anos de carreira literária, o português António Lobo Antunes firmou-se como um dos mais representativos escritores contemporâneos. Traduzido e estudado em diversos cantos do mundo, esse grande desbravador e experimentador da forma romanesca já publicou 20 romances, além de um livro infanto-juvenil e três coletâneas de crônicas.

Nascido em 1 de setembro de 1942, em Lisboa, Lobo Antunes é o mais velho de seis irmãos (todos homens). Médico psiquiatra de formação, estreou no mercado editorial apenas em 1979, com o romance **Memória de Elefante**, que forma junto com **Os Cus de Judas** (1979) e **Conhecimento do Inferno** (1980) sua primeira trilogia, cujo caráter autobiográfico é bastante evidente.

Em **Memória de Elefante**, o protagonista é um psiquiatra em crise com sua profissão e recém divorciado (experiências que Lobo Antunes enfrentava em sua vida naquele fim da década de 70). Já a vivência de Antunes na Guerra de Angola, para onde foi enviado como médico e ficou entre janeiro de 71 e abril de 73, marca profundamente **Os Cus de Judas**.

A participação na Guerra de Angola é um ponto de extrema relevância na biografia de Antunes. Não é por acaso que essa experiência paira fantasmagoricamente sobre sua obra, na qual encontramos um leque vastíssimo de personagens e situações que apontam para a guerra e para uma Angola devastada. Apenas em 2005, o autor permitiu que duas de suas filhas, Maria José e Joana, reunissem e publicassem as cartas que enviou à mãe delas durante sua estada na Guerra de Angola. **D'este viver aqui neste papel descripto** (2005) mostra-se como um importante documento desse período da vida de Antunes, que tanto marcou o autor e sua obra. Nessas cartas, até então inéditas, encontra-se um autor empolgado com seus projetos de livros, que iam sendo escritos em cadernos em meio à guerra. Em mais de uma oportunidade, Antunes declara em seu pronunciamento que estava trabalhando em sua obra-prima, antevendo, assim, o sucesso que faria com suas publicações quando retornasse a Lisboa. Mas, os desejos desse aspirante a escritor levariam alguns anos para se concretizar (lembramos que Antunes voltou da guerra em 73 e teve a oportunidade de publicar pela primeira vez apenas em 79).

No fim da década de 80, Antunes deixa de exercer a psiquiatria para se dedicar plenamente à literatura. Vivendo apenas para seus livros, afirma escrever até doze horas por dia. Daí ser avesso às badalações que a fama de escritor consagrado ainda em vida poderia lhe oferecer. Pai de três filhas, avô, casado duas vezes, viúvo da primeira mulher, neto de um brasileiro que viveu no Pará, desafeto de José Saramago e melhor amigo de José Cardoso Pires, Antunes afirma que sua vida não tem nada de extraordinário além da literatura. Diz que sempre quis ser escritor e que só foi estudar medicina por imposição dos pais. Começou escrevendo poesia na adolescência, mas

jamais publicou nenhum poema (afirma ter queimado todos, mas é possível encontrar alguma amostra do Lobo Antunes poeta em suas cartas da guerra).

Ainda nos anos 80, a obra de Antunes começou a ser traduzida. **Os Cus de Judas**, provavelmente seu livro mais conhecido, recebeu o título *South of Nowhere* em inglês e foi o primeiro a receber uma versão em língua estrangeira, em 83. Hoje, a publicação de um novo trabalho seu em Portugal costuma até demorar mais que o necessário para sair, a fim de que os tradutores tenham tempo de vertê-lo para outros idiomas. Assim, seus últimos livros têm tido lançamento simultâneo em alguns países da Europa. No Brasil, a editora Objetiva/Alfaguara comprou os direitos de toda a sua obra e vem publicando gradativamente seus romances, sempre mantendo a grafia original de Portugal.

O primeiro livro de Antunes publicado no Brasil também foi **Os Cus de Judas**. Isso ocorreu em 84, pela pequena editora Marco Zero. Depois, levariam anos para que os leitores brasileiros voltassem a encontrar outros títulos seus nas estantes nacionais. Até o momento, 11 dos romances escritos por Antunes foram editados por aqui.

Perfeccionista, Antunes chegou a dizer em entrevista ao jornal português “Público”, em outubro de 2006, que deveria ter começado a publicar somente a partir de **O Manual dos Inquisidores**, seu 11º romance, que foi editado apenas em 1996. Ou seja, mostrou ter certa insatisfação por quase 20 anos de sua produção literária.

A obra de Antunes ainda é muito associada à Guerra de Angola e ao processo de descolonização. Esses temas realmente estão presentes em boa parte de seus romances, de diferentes períodos, como os militares veteranos de guerra de **Fado Alexandrino** (1985), a família despedaçada de colonos portugueses na África de **O Esplendor de Portugal** (1997) e os agentes secretos enviados a Angola de **Boa tarde às coisas aqui embaixo** (2003). Mas seria reducionista pensar em sua obra apenas como um marco dentro da literatura pós-colonialista. A temática antuniana também percorre outros fatos históricos relevantes de Portugal, como o período pós-Revolução dos Cravos. Notamos, entretanto, que, nos últimos anos, têm surgido romances em que a cena política e histórica não assume papel relevante. Desses, podemos citar **Não entres tão depressa nessa noite escura** (2000), **Que farei quando tudo arde?** (2001) e **Eu hei-de amar uma pedra** (2004).

Antunes tem escrito romances cada vez mais caudalosos, com a maioria de suas últimas obras estendendo-se por mais de 500 páginas. A cada um ou, no máximo, dois anos tem publicado um livro. Em 2006 chegou às livrarias **Ontem não te vi em Babilônia**. E em novembro de 2007, **O Meu nome é legião**. E em outubro, a sua última obra, **O Arquipélago da Insónia**.

As crônicas só entraram na produção do autor na década de 90, escritas originalmente para periódicos portugueses. Nos últimos anos, têm sido publicadas na revista lisboeta **Visão**, com uma periodicidade de 15 dias. Até o momento, a reunião de suas crônicas em livros rendeu três volumes.

Em relação a suas crônicas, Antunes costuma afirmar que as considera “prosinhas”, um trabalho inferior para “ser lido no domingo de manhã”, relevante apenas para ter uma renda extra e que somente em seus romances se realiza literariamente. Mas, em entrevista concedida à jornalista espanhola Maria Luísa Blanco, acabou por reconsiderar suas impressões, afirmando que algumas de suas crônicas lhe agradam bastante. O autor chega a dizer: “Creio que a minha prosa mais próxima do verso são as crônicas”.

Escritor vaidoso e consciente da importância de sua obra dentro da cena literária contemporânea, o multipremiado Antunes ainda espera pelo Nobel, condecoração para a qual tem sido repetidamente lembrado desde meados da década de 90. Antunes afirma

que, nos últimos anos, tem recebido um prêmio a cada três meses, mas que isso não lhe importa muito.

No primeiro trimestre de 2007, Antunes foi surpreendido pelo diagnóstico de um câncer (enfermidade que vitimou sua primeira mulher). A doença foi tornada pública em uma crônica publicada em 12 de abril, a *Crônica do Hospital*, na qual relata sua surpresa e temor diante da doença inesperada. Já recuperado da doença, o escritor trabalha em seu 21º romance.